



GT 01 – Direito à Cidade, Cultura e Memória: Reparação e Reconhecimento na Política Urbana Contemporânea – a Cidade como um Bem Comum

## MEMÓRIA NEGRA NO DISTRITO DO CAMPO LIMPO (SÃO PAULO-SP)

Igor Vicente Gomes da Silva<sup>1</sup>

### 1 INTRODUÇÃO

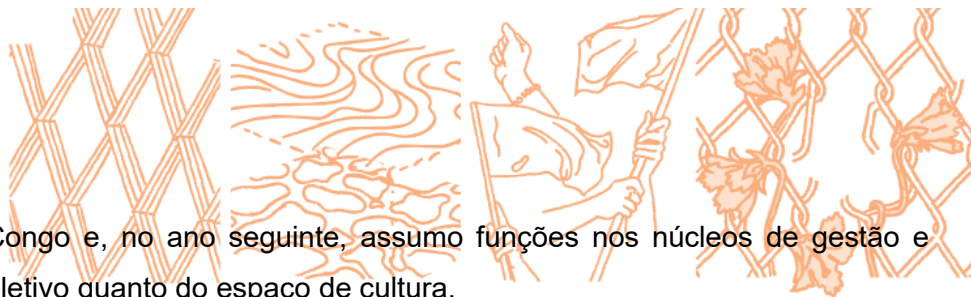
O distrito do Campo Limpo, na Zona Sul da cidade de São Paulo, é um importante território cultural na capital paulista. A presença negra no movimento cultural tem uma participação fundamental para a sua estruturação. A atuação de agentes, coletivos e espaços no território, entre celebrações e estratégias de resistência, se apresenta de distintas maneiras ao longo de gerações. O tema se justifica e tem sua relevância na necessidade em evidenciar perspectivas negras e periféricas na formação urbana da cidade, contribuindo para reflexões que dão destaque a agentes locais sobre estratégias de preservação da memória negra na produção do espaço urbano.

Em análise realizada com apoio do referencial teórico, apresento a relevância do Espaço Cultural CITA e do Maracatu Ouro do Congo no reconhecimento, preservação e manutenção da memória negra no distrito do Campo Limpo, em especial na região da Praça do Campo Limpo. Ao longo do trabalho, são apresentadas análises produzidas a partir de entrevistas, realizadas entre 2020 e 2025, com agentes atuantes no movimento cultural existente no distrito do Campo Limpo entre o fim dos anos 1970 até a atualidade.

Como referencial teórico, utilizo discussões desenvolvidas pela professora e poeta Leda Maria Martins (2021) e pela professora e escritora bell hooks (2022) acerca de concepções de encruzilhada e pertencimento, respectivamente. Como residente nascido em Taboão da Serra, município que faz divisa com o distrito do Campo Limpo, e frequentador da região da Praça do Campo Limpo, em especial do Espaço Cultural CITA, estou inserido neste trabalho como um pesquisador participante, destacando o meu envolvimento com o tema e o território estudados desde o ano de 2019, quando me aproximo e me torno integrante do

---

<sup>1</sup> Mestrando em Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo (USP), [igorvice@usp.br](mailto:igorvice@usp.br).



Maracatu Ouro do Congo e, no ano seguinte, assumo funções nos núcleos de gestão e produção tanto do coletivo quanto do espaço de cultura.

O trabalho, realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001, é um desdobramento de pesquisa iniciada em 2020, com a produção do meu Trabalho de Conclusão de Curso na graduação em Arquitetura e Urbanismo (Belas Artes-SP), e continuada até o presente momento, no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (USP). Tem-se como objetivo investigar a presença negra no movimento cultural existente no distrito do Campo Limpo e como o mesmo é constituído por redes de articulação formadas e transformadas ao longo das últimas décadas por agentes, coletivos e espaços do território, com destaque para análise da região da Praça do Campo Limpo a partir do Espaço Cultural CITA e do coletivo Maracatu Ouro do Congo.

## 2 APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS

A memória negra do distrito do Campo Limpo, localizado na Zona Sul da cidade São Paulo, apesar de não está presente nos documentos disponibilizados em plataformas da Prefeitura - o que demonstra sinais da invisibilização e apagamento da presença negra na sua formação urbana -, está preservada na oralidade cultivada principalmente em espaços de cultura do território. A oralidade é uma potente ferramenta no reconhecimento e preservação da memória negra na cidade. Assume-se aqui a utilização de entrevistas como uma “escavação arqueológica”<sup>2</sup> que possa contribuir na construção de estratégias para o reconhecimento da presença negra na produção do espaço urbano.

Para a Iyá Ana Rita Encarnação, Yalásé do Ilê Asé Ketu Egbé Oni, localizado no município de Embu das Artes, que foi militante no Movimento Negro de Campo Limpo - fundado no fim dos anos 1970 -, a manutenção de espaços em que as pessoas possam se reconhecer nele é uma ação de salvaguarda da ancestralidade negra presente em um lugar.<sup>3</sup>

<sup>2</sup> SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014. p. 74.

<sup>3</sup> ENCARNÇÃO, Ana Rita. Entrevista concedida ao pesquisador Igor Vicente Gomes da Silva. In: SILVA, Igor Vicente Gomes da. **Cidade e ancestralidade**: memória, resistência e continuidade na região da Praça do Campo Limpo. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) – Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, São Paulo, 2020. p. 201.



Ela aponta o Espaço Cultural CITA, um espaço de cultura independente localizado em frente à Praça do Campo Limpo, como um agente fundamental para a preservação da memória negra no território.<sup>4</sup> A partir da fala da Iyá Ana Rita, podemos analisar a região da Praça Campo Limpo como um desses territórios de preservação, assim como reconhecimento e celebração, da memória negra numa sob concepção de encruzilhada apresentada pela professora e poeta Leda Maria Martins (2021) ao reunir e ser palco de desafios, confrontos e conquistas da articulação entre redes do movimento cultural da Zona Sul da cidade: “[...] a encruzilhada, agente tradutor e operador de princípios estruturantes do pensamento negro, é cartografia basilar para a constituição epistemológica balizada pelos saberes africanos e afrodiaspóricos”.<sup>5</sup>

Deco Moraes, ator, palhaço, produtor cultural e um dos responsáveis pela fundação e estruturação do espaço de cultura, conta que em 2014 buscou pela Yalorixá Raquel Trindade para com ela consultar os búzios.<sup>6</sup> Dona Raquel Trindade, sacerdotisa, ativista cultural, artista plástica e coreógrafa, também orientou os dois artistas - assim como as demais pessoas que estavam no CITA - a cuidarem do lugar, indicando que aquela região havia sido uma senzala.<sup>7</sup> Ainda que não tenha sido possível identificar, a partir das entrevistas realizadas e de documentos históricos, caminhos possíveis para confirmar sobre a afirmação da Kambinda, não podemos fechar os olhos para a evocação da memória negra presente no território e como ela se apresenta por meio da oralidade.

Nicolý Soares, poeta e produtora cultural e presidente do Instituto CITA, afirma sobre a importância da oralidade na construção do movimento cultural da Zona Sul da cidade, em especial no Campo Limpo e seu entorno, e como isso está fundamentado nas tradições e

---

<sup>4</sup> ENCARNAÇÃO, Ana Rita. Entrevista concedida ao pesquisador Igor Vicente Gomes da Silva. In: SILVA, Igor Vicente Gomes da. **Cidade e ancestralidade**: memória, resistência e continuidade na região da Praça do Campo Limpo. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) – Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, São Paulo, 2020. p. 201.

<sup>5</sup> MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar**: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021. p. 51.

<sup>6</sup> VARGES, Cléia. Entrevista concedida ao pesquisador Igor Vicente Gomes da Silva. In: SILVA, Igor Vicente Gomes da. **Cidade e ancestralidade**: memória, resistência e continuidade na região da Praça do Campo Limpo. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) – Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, São Paulo, 2020. p. 208.

<sup>7</sup> Ibid., p. 209.



manifestações culturais negras que ocupam espaços como o CITA.<sup>8</sup> Podemos aproximar a fala de Nicolý ao pensamento da professora e escritora bell hooks, ao refletir sobre o reconhecimento da memória negra na construção de identidades a partir da oralidade, levando em consideração que “todo traço de memória, seja ele inscrito como letra, como voz, gesto, corpo, grafa-se na constituição dos sujeitos como repertórios de conhecimento, como inscrição, grafias alternas do conhecimento”.<sup>9</sup> Se para bell hooks a ancestralidade nos remonta como coletividade, como aponta Halina Leal no prefácio da obra *Pertencimento: uma cultura do lugar* (2022), assim como à sensação de pertencimento, podemos afirmar que as manifestações culturais negras, além de contribuírem com a construção de identidades negras, atuam também para o reconhecimento do território como sendo formado por memórias afrodiaspóricas. Para hooks, a cultura do pertencimento, ou a cultura do lugar, está estritamente ligada ao cultivo da consciência e à aquisição de hábitos que nos aproximem uns dos outros, construindo assim uma comunidade amorosa.<sup>10</sup>

Thiago Vinícius, articulador sociocultural, afirma que somos fruto de redes e também aponta o XAXARÁ - Congo em Festa, festival anual realizado pelo coletivo Maracatu Ouro do Congo no Espaço Cultural CITA, como um importante espaço de celebração à memória negra no território.<sup>11</sup> O festival realizado anualmente pelo Maracatu Ouro do Congo - sediado no Espaço Cultural CITA desde 2012 -, a cada edição, promove uma programação que articula e fomenta a reflexão e debate a partir, principalmente, da presença de agentes e coletivos com atuação em uma diversidade de áreas, como o Maracatu de Baque Virado e outras manifestações culturais e linguagens artísticas negras e periféricas. Nota-se uma preocupação com o planejamento e realização da programação de cada edição em consideração a atravessamentos, principalmente, por questões relacionadas à negritude e gênero. Se para Martins, a encruzilhada é operadora de linguagens performáticas e discursivas,<sup>12</sup> a composição das programações do XAXARÁ demonstra a construção de

---

<sup>8</sup> SOARES, Nicolý. Entrevista concedida ao pesquisador Igor Vicente Gomes da Silva via Google Meet no dia 25 de março de 2025.

<sup>9</sup> hooks, bell. **Pertencimento: uma cultura do lugar**. São Paulo: Elefante, 2022. p. 216.

<sup>10</sup> Ibid., p. 277.

<sup>11</sup> VINÍCIUS, Thiago. Entrevista concedida ao pesquisador Igor Vicente Gomes da Silva via Google Meet no dia 04 de dezembro de 2024.

<sup>12</sup> MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021. p. 51.



estratégias para fortalecimento de redes de articulação entre agentes, coletivos e espaços que atuam com múltiplas manifestações culturais e linguagens artísticas, assim como apresentam uma produção cultural e artística preocupada com o reconhecimento, manutenção e difusão de saberes negros e periféricos.

### 3. CONCLUSÃO

Podemos afirmar que, desde o final dos anos 1970 - pelo menos -, com a atuação do movimento negro, até a atualidade, com as redes de articulação existentes entre agentes, coletivos e espaços no Campo Limpo, o movimento cultural atua pela preservação e manutenção de memórias negras na formação do distrito, assim como está compromissado com o reconhecimento do papel das manifestações culturais tradicionais e das linguagens artísticas negras e periféricas na afirmação do território enquanto território negro. A atuação do Espaço Cultural CITA, enquanto lugar de promoção e representação de saberes da comunidade estudados e transmitidos pelos coletivos residentes, demonstra a consolidação e atualização de estratégias de resistência no território. A trajetória do Maracatu Ouro do Congo, alinhada com pautas contemporâneas de negritude, afirma a promoção de ações e projetos como o festival XAXARÁ - Congo em Festa como uma potente ferramenta de enfrentamento ao racismo, à intolerância religiosa e, principalmente, à celebração da memória negra na formação da cidade.

### REFERÊNCIAS

ESPAÇO CULTURAL CITA. **Espaço Cultural CITA**, 2025. Disponível em: <https://www.espacocita.com/>. Acesso em: 27 jun. 2025.

hooks, bell. **Pertencimento**: uma cultura do lugar. São Paulo: Elefante, 2022.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar**: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

SILVA, Igor Vicente Gomes da. **Cidade e ancestralidade**: memória, resistência e continuidade na região da Praça do Campo Limpo. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso

XII CBDU

CONGRESSO BRASILEIRO  
DE DIREITO URBANÍSTICO



IBDU



UnB

(Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) – Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, São Paulo, 2020.

SOARES, Nicolý. **Entrevista concedida ao pesquisador Igor Vicente Gomes da Silva** via Google Meet no dia 25 de março de 2025.

VINÍCIUS, Thiago. **Entrevista concedida ao pesquisador Igor Vicente Gomes da Silva** via Google Meet no dia 04 de dezembro de 2024.

Rua Araújo, 124, República, CEP 01220-020  
São Paulo – SP | Brasil  
Fone: (11) 2174-6800  
[www.ibdu.org.br](http://www.ibdu.org.br)